



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

ISABEL CRISTINA BATISTA OLIVEIRA

**VARIAÇÃO DO “R” EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS FALADO NO
TOCANTINS**

**PALMAS-TO
2026**

ISABEL CRISTINA BATISTA OLIVEIRA

**VARIAÇÃO DO “R” EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS FALADO NO
TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade de Palmas
do Instituto Federal do Tocantins – IFTO,
como exigência à obtenção do título de
Licenciada em Letras - Habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Rilda Alves
da Silva Martins.

Coorientadora: Prof^a. Ma. Auricélia
Alencar da Silva Fernandes

**PALMAS-TO
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

O48v Oliveira, Isabel Cristina Batista
 VARIÇÃO DO “R” EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS
 FALADO NO TOCANTINS / Isabel Cristina Batista Oliveira. – Palmas,
 TO, 2026.
 48 p. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2026.

Orientadora: Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins
Coorientadora: Ma. Auricélia Alencar da Silva Fernandes

1. Sociolinguística variacionista. 2. Róticos. 3. Variação
linguística. I. Alves da Silva Martins, Maria Rilda. II. Alencar da Silva
Fernandes, Auricélia. III. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).

ISABEL CRISTINA BATISTA OLIVEIRA

**VARIAÇÃO DO R EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS FALADO NO
TOCANTINS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do Curso de
Licenciatura em Letras – Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade de Palmas
do Instituto Federal do Tocantins – IFTO,
como exigência à obtenção do título de
Licenciada em Letras - Habilitação em
Língua Portuguesa.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Maria Rilda Alves da Silva Martins
Orientadora
IFTO — Campus Palmas

Prof^a. Ma. Auricélia Alencar da Silva Fernandes
Coorientadora
IFTO — Campus Palmas

Prof. Dr. Daniel Marra da Silva
IFTO — Campus Palmas

Prof. Me. Kairo Tavares Freire
IFTO — Campus Palmas

Dedico este trabalho à minha família, pelo apoio e incentivo ao longo desta trajetória, em especial ao meu esposo, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais desafiadores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida e por me conceder saúde e sabedoria para a realização deste trabalho.

A minha orientadora, pela disponibilidade, atenção e comprometimento durante toda a elaboração deste trabalho. Sua orientação e conhecimentos compartilhados foram essenciais para meu crescimento acadêmico e para a conclusão desta pesquisa.

Agradeço à minha família, à minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos, por todo o apoio e incentivo ao longo desta trajetória. Especialmente, ao meu esposo, pelo companheirismo, parceria e apoio durante a escrita deste TCC.

Agradeço também às minhas amigas Alice e Aline, por todo apoio e incentivo.

“O aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social.”

Labov (2008, p.218)

RESUMO

Este estudo investigou a realização do fonema /R/ em posição de coda silábica medial no português falado em nove municípios do estado do Tocantins, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. Fundamentada nos pressupostos teóricos e metodológicos de William Labov (2008 [1972]) e nos estudos sobre os róticos desenvolvidos por Dinah Callou (2012), Rennieke (2016), Brescancini; Monaretto (2008) e Cristóvão-Silva (2016), a pesquisa analisa a influência de fatores linguísticos e sociais na variação desse segmento fonológico. O corpus é composto por 54 entrevistas pertencentes ao projeto Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins, totalizando 1.167 ocorrências do /R/ em coda medial. Foram identificadas quatro variantes: fricativa glotal, fricativa velar, tepe e apagamento. Os resultados revelam o predomínio da fricativa glotal (55,4%), seguida da fricativa velar (31,3%), do tepe (11,2%) e do apagamento (2,1%). Observou-se ainda que fatores como localidade, sexo/gênero, faixa etária, classe gramatical e tonicidade da sílaba influenciam a distribuição das variantes. Os dados confirmam a diversidade linguística do Tocantins e evidenciam a relevância dos estudos sociolinguísticos para a compreensão das variedades do português brasileiro, contribuindo para a valorização da identidade linguística tocantinense e para o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Róticos. Variação linguística. Português brasileiro. Tocantins.

ABSTRACT

This study investigated the realization of the phoneme /R/ in medial syllable coda position in the Portuguese spoken in nine municipalities of the state of Tocantins, Brazil, from the perspective of Variationist Sociolinguistics. Grounded in the theoretical assumptions of William Labov (2008 [1972]) and in studies on rhotics developed by Callou (2012), Rennie (2016), Brescancini and Monaretto (2008), and Cristófar-Silva (2016), the research examines the influence of linguistic and social factors on the variation of this phonological segment. The corpus consists of 54 interviews from the project Audiovisual Archive of Spoken Language in Tocantins and Demonstration of Written and Spoken Linguistic Norms in Tocantins, totaling 1,167 occurrences of /R/ in medial coda position. Four variants were identified: glottal fricative, velar fricative, tap, and deletion. The results reveal the predominance of the glottal fricative (55.4%), followed by the velar fricative (31.3%), the tap (11.2%), and deletion (2.1%). The findings also indicate that factors such as locality, sex/gender, age group, grammatical class, and syllable stress influence the distribution of the variants. The data confirm the linguistic diversity of Tocantins and highlight the relevance of sociolinguistic studies for understanding the varieties of Brazilian Portuguese, contributing to the appreciation of Tocantins' linguistic identity and to the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Variationist sociolinguistics. Rhotics. Linguistic variation. Brazilian Portuguese. Tocantins.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 01- Síntese de estudos sobre a variação do rótico no português brasileiro.	18
Figura 1 - Os nove pontos de inquérito investigados.....	32
Quadro 02 - pontos pesquisados.....	33
Quadro 03 - Variável dependente e grupos de fatores.....	34

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 01 - Resultados gerais da variação do fonema /R/ no falar tocantinense.....	36
Gráfico 01 - Resultados gerais.....	37
Tabela 02 - Variáveis diatópicas.....	37
Gráfico 02 - Variáveis diatópicas.....	38
Tabela 03 - Resultados obtidos em relação ao sexo dos participantes.....	39
Gráfico 03 - Variação do /R/ em relação ao sexo dos participantes.....	40
Tabela 04 - Resultado da variação do /R/ em relação à faixa-etária.....	41
Gráfico 04 - Variação do /R/ em relação à faixa-etária.....	42
Tabela 05 - Resultado da variação do /R/ em relação à classe gramatical.....	43
Gráfico 05 - Variação do /R/ em relação à classe gramatical.....	43
Tabela 05 - Resultado da variação do /R/ em relação à tonicidade da sílaba.....	44
Gráfico 06 - Variação do /R/ em relação à tonicidade da sílaba.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Sociolinguística variacionista.....	14
2.2 Variação do rótico no português falado no Brasil.....	15
2.3 Características dos pontos de inquérito.....	19
2.3.1 Araguacema.....	20
2.3.2 Araguatins.....	20
2.3.3 Tocantinópolis.....	21
2.3.4 Xambioá.....	21
2.3.5 Pedro Afonso.....	22
2.3.6 Paranã.....	22
2.3.7 Miracema.....	23
2.3.8 Formoso do Araguaia.....	23
2.3.9 Dianópolis.....	24
3. METODOLOGIA.....	26
3.1 Corpus da pesquisa.....	26
3.2 Variável dependente.....	27
3.2.1 Variáveis fricativas.....	28
3.2.2 Variáveis linguísticas.....	28
3.2.3 Posição do rótico na palavra.....	29
3.2.4 Classe gramatical.....	29
3.2.5 Tonicidade da sílaba.....	30
3.2.6 Perfil dos informantes e variáveis sociais.....	30
3.3 Rede de pontos de inquérito.....	31
3.4 Organização e tratamento dos dados.....	33
4. RESULTADOS GERAIS DO TRATAMENTO ESTATÍSTICOS DOS DADOS.....	35
4.1 Variáveis extralinguísticas.....	37
4.1.1 Variáveis diatópicas.....	37
4.1.2 Variação diassexual.....	39
4.1.3 Variação Diageracional.....	41
4.2 Análise e resultado das variáveis linguísticas.....	43
4.2.1 Variação em relação à classe gramatical.....	43
4.2.2 Variação em relação à tonicidade da sílaba.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A variação linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas naturais e está presente em todas as comunidades de fala do mundo. No Brasil, essa diversidade manifesta-se de maneira expressiva, uma vez que cada região, estado e até mesmo diferentes localidades de um mesmo estado apresentam características próprias de pronúncia, vocabulário e estruturas linguísticas. Essas diferenças refletem aspectos históricos, sociais, culturais e geográficos que influenciam o uso da língua pelos falantes.

Sob a perspectiva da Sociolinguística, a variação ocorre quando duas ou mais formas linguísticas podem ser empregadas em um mesmo contexto comunicativo, mantendo o valor referencial ou representacional, isto é, sem alteração significativa de sentido. Dessa forma, a heterogeneidade linguística constitui uma característica natural das línguas e evidencia a riqueza e a diversidade do português brasileiro *cf.* Coelho et al. (2015).

Mas, afinal, o que faz a fala de algumas pessoas soar semelhante ou diferente? Embora compartilhem a mesma língua, fatores como origem geográfica, faixa etária, nível de escolaridade, gênero e pertencimento a determinado grupo social influenciam diretamente na forma de expressão. A sociolinguística chama esse fenômeno de variação linguística, responsável pela multiplicidade de variedades do português brasileiro e pela riqueza e complexidade da nossa língua.

Foi justamente a partir da investigação sistemática dessa diversidade linguística que o linguista William Labov desenvolveu os fundamentos da Sociolinguística Variacionista. Pioneiro na área, Labov (1972 [2008]) demonstrou, com base em estudos científicos, que a linguagem varia de forma significativa conforme a classe social, a região, a idade e o gênero. Reconhecido como o “pai da sociolinguística”, o autor destacou que essas diferenças não devem ser vistas como “erros”, mas como formas legítimas de falar, próprias de comunidades específicas e condicionadas por fatores sociais.

Inspirada nas contribuições de Labov, (1972 [2008]), a sociolinguística realiza pesquisas quantitativas sobre diferentes tipos de variação, incluindo a do fonema /R/. Foi a partir dessa perspectiva que surgiu o interesse em investigar a variação do

/R/ no português falado no Tocantins, tomando como base os dados do projeto “Aspectos Sócio Dialetais do Tocantins”.

O Tocantins possui ampla extensão territorial e faz fronteira com estados cujas características linguísticas são bastante distintas e, em grande parte, pouco exploradas cientificamente. Nesse contexto, em maio de 2013 teve início o projeto Construção do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins, com o objetivo de registrar, por meio de técnicas de coleta de dados in loco em diversas cidades, a língua falada no estado, descrevendo-a e apresentando-a como patrimônio cultural fundamental para a identidade linguística do povo tocantinense. Entre 2014 e 2015, foram coletados dados para compor um acervo que permitisse descrever, identificar e analisar, sob os aspectos diatópico, semântico-lexical e fonológico, a realidade sócio dialetológica do Tocantins.

Os dados produzidos por esse projeto ainda foram pouco explorados sob a perspectiva científica, especialmente no que se refere aos aspectos fonológicos do português falado no Tocantins. Essa lacuna justifica a realização da presente pesquisa, que se propõe a investigar a realização do /R/ em posição de coda silábica nas localidades contempladas pelo projeto.

Desse modo, esta pesquisa apresenta relevante contribuição para os estudos da linguagem, especialmente para a área de Letras, ao mesmo tempo em que oferece subsídios teóricos e empíricos para pesquisadores e estudiosos de diferentes campos do conhecimento interessados na relação entre língua, sociedade e cultura. Ao investigar a língua em seu uso efetivo e cotidiano, o estudo possibilita uma compreensão mais ampla de seu funcionamento, evidenciando que a heterogeneidade constitui uma característica inerente aos sistemas linguísticos. Além disso, contribui para a formação de uma visão crítica e reflexiva acerca da diversidade linguística, demonstrando que as diferentes formas de falar não representam desvios ou erros, mas sim manifestações legítimas da variação linguística, que devem ser compreendidas sob uma perspectiva científica e livre de preconceitos.

Este estudo também tem uma grandiosa importância para a sociolinguística, pois ele traz diretamente a variação linguística tocantinense através do “r” em coda silábica das cidades pesquisadas, fenômeno ainda não estudado. Diante disso, o presente trabalho busca descrever e analisar a variação do /R/. Buscando entender quais os padrões fonéticos das cidades pesquisadas, quais fatores linguísticos influenciam, quais fatores sociais instigam e quais das cidades tocantinenses mais falam o /R/ tepe.

Além desta introdução, o trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, abordando os princípios da Sociolinguística Variacionista e os principais estudos sobre a variação dos róticos no português brasileiro. No segundo capítulo, descrevemos as características históricas, geográficas e socioculturais dos municípios que compõem a rede de pontos de inquérito, contextualizando as comunidades de fala investigadas. O terceiro capítulo é dedicado aos procedimentos metodológicos, contemplando a descrição do corpus, dos informantes, da variável dependente e das variáveis independentes analisadas. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos, à luz do referencial teórico adotado. Por fim, são expostas as considerações finais, nas quais se retomam os resultados da pesquisa e suas contribuições para os estudos sociolinguísticos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico tem como finalidade apresentar o referencial teórico que fundamenta o desenvolvimento desta pesquisa. Serão abordados dois eixos temáticos essenciais para a análise proposta: a Sociolinguística Variacionista, e a variação do rótico no português falado no Brasil.

2.1 Sociolinguística variacionista

A sociolinguística busca compreender a língua a partir do modo como ela realmente é utilizada pelos falantes em diferentes contextos sociais, como menciona as autoras Mollica e Braga (2003, p.9) “a sociolinguística é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.” Desse modo a língua não deve ser vista como algo homogênea e fixo, mas como sistema que apresenta variações. Essa mesma autora também ressalta que a sociolinguística fica em um espaço interdisciplinar entre língua e sociedade, ou seja, é uma área de pesquisa que está em meio a sociedade entendendo fatores que podem influenciar na fala das pessoas.

Entendendo fatores como a diversidade linguística, a sociolinguística é a principal área que participa na luta contra o preconceito linguístico, que ainda é muito predominante em meio a sociedade quando é dito que a única maneira de falar corretamente é quando se utiliza o padrão culto, mas além de denunciar certas atitudes a sociolinguística mostra com bases científicas que a língua é viva e está sempre mudando e variando conforme cada região, sexo, idade e escolaridade dos indivíduos. O autor Marcos Bagno, cita em seu livro *A Língua de Eulália* (1998, p. 15) que “a fala de Eulália não é errada: é diferente. É o português de uma classe social diferente da nossa”, ou seja, é uma linguagem diferente pois é como ela aprendeu a falar no ambiente em que sempre viveu.

A perspectiva defendida por Labov (1972 [2008]) ultrapassa os limites da descrição linguística e evidencia o compromisso social da Sociolinguística. Ao reconhecer as diferentes formas de falar e investigar cientificamente a variação presente nas comunidades de fala, o autor atribui aos linguistas um papel

fundamental na valorização da diversidade linguística e no combate aos preconceitos sociais associados à linguagem. Nesse sentido, a análise quantitativa dos padrões de fala de distintos grupos sociais contribui para dar visibilidade às vozes historicamente marginalizadas e para promover uma compreensão mais justa e inclusiva da realidade linguística. Como destacam as autoras Sousa e Cardoso (2020, p. 6):

a reflexão empreendida por Labov, desde o título da conferência, justiça como uma questão linguística, enfatiza a nossa função na sociedade enquanto linguistas: a partir da descrição quantitativa dos padrões da fala de diferentes grupos, sejam eles privilegiados ou não, fazer com que os falantes sejam ouvidos, de modo a tornar o mundo um pouco mais justo.

Labov (1972 [2008]) vê o trabalho da sociolinguística como algo socialmente responsável. Não basta descrever a língua, é preciso entender como as formas de falar se relacionam com questões de poder, desigualdade e preconceito. O objetivo é tornar visível e audível a fala de grupos descriminalizados para que eles tenham reconhecimento social e linguístico. Além do mais, esse autor ressalta que a sociolinguística é um meio de promover a justiça social, pois é uma área que dá voz aos falantes, graças ao conhecimento da diversidade linguística e da defesa do direito de falar, cada um do seu modo, desta forma, ajuda no combate à discriminação e o preconceito linguístico.

2.2 Variação do rótico no português falado no Brasil

Entre os diversos fenômenos investigados pela Sociolinguística Variacionista, destaca-se a realização dos róticos, termo empregado na área da Fonética e Fonologia para designar o conjunto de sons associados ao fonema /R/. Trata-se de um dos segmentos mais variáveis do português brasileiro, apresentando diferentes realizações fonéticas em função de fatores linguísticos, sociais e geográficos. Conforme observam Brescancini e Monaretto (2008, p. 51), “a variedade de sons de (r), denominados na literatura como rótico ou vibrante, entre outros, é grande”, evidenciando a complexidade e a riqueza desse fenômeno no âmbito dos estudos linguísticos.

A investigação dos róticos mostra-se particularmente relevante no contexto tocanтинense, uma vez que o estado possui uma formação histórica recente e foi constituído por intensos fluxos migratórios provenientes de diferentes regiões do país. Esse processo favoreceu o contato entre distintas variedades do português brasileiro, contribuindo para a diversidade linguística observada no Tocantins. Nesse sentido, o estudo da realização do /R/ pode fornecer importantes indícios sobre os padrões de variação linguística presentes no estado e sobre as influências socioculturais que participam da constituição de suas comunidades de fala.

Outro ponto que influencia essa variação é que a língua varia conforme região, sexo, faixa etária e classe social. Oushiro e Mendes (2013) em seu artigo sobre o /R/ em coda silábica na cidade de São Paulo, menciona que o /R/ retroflexo é mais utilizado por pessoas de bairros mais periféricos, enquanto pessoas de bairros mais nobres evitam a pronúncia, as autoras também mencionam sobre a escolaridade, pessoas com menos escolaridade tendem a utilizar mais o /R/ retroflexo. Já sobre gênero e faixa etária as autoras mencionam que

no cruzamento entre Faixa Etária e Sexo/Gênero, percebe-se que os homens favorecem a pronúncia retroflexa em todas as faixas etárias, e que tal favorecimento é diretamente proporcional à idade (homens mais novos favorecem mais a pronúncia retroflexa em relação aos homens mais velhos, que apresentam peso relativo próximo do ponto neutro); por outro lado, mulheres sempre desfavorecem tal pronúncia, mas aquelas de terceira faixa etária a desfavorecem ainda mais; trata-se, portanto, de dois grupos de fatores verdadeiramente independentes entre si, que seguem tendências paralelas na comunidade.” (OUSHIRO E MENDES, 2013, p.86)

Isso prova o que é mencionado pela sociolinguística, sobre a variação linguística, os aspectos que influenciam essa variação. Como menciona as autoras Mollica e Braga (2003, p.11), “no conjunto das variáveis externas à língua, reúnem os fatores inerentes ao indivíduo”, ou seja, fatores extralinguísticos influenciam como os indivíduos falam.

Além desses fatores, também é importante mencionar que essa variação não ocorre de forma aleatória. Fatores como a posição do som na palavra (início, meio ou final de sílaba), o contexto fonético (sons vizinhos), influenciam diretamente a realização do rótico. Conforme Câmara Jr (1985, p. 35), “o contexto linguístico interfere na modalidade articulatória: na posição pré-vocálica (rato, honra) predomina a fricativa velar; em grupo consonantal (prato) aparece comumente o

tepe e, em posição pós vocálica, ocorre tanto um como outro, assim como as formas retroflexas, aspiradas e o apagamento”.

Além disso, o estudo do rótico também é importante para compreender processos de mudança linguística. Ao longo do tempo, os sons de uma língua se transformam, e o rótico é um dos segmentos mais sujeitos a essas mudanças. Isso ocorre porque ele possui uma articulação complexa e pode ser facilmente influenciado por outros sons na fala. Em muitas línguas, inclusive, o rótico passou por mudanças significativas ao longo da história, assumindo diferentes formas em diferentes períodos.

Segundo Cristófar-Silva (2016, p. 216), “esses fenômenos, de fato, refletem uma trajetória do português brasileiro em que sílabas fechadas se adaptam em sílabas abertas”. Essa observação evidencia que os processos envolvendo a realização do rótico não se restringem ao plano fonético-fonológico, mas estão inseridos em mudanças históricas mais amplas que caracterizam a evolução do português brasileiro. Nesse sentido, a variação do /R/ constitui um importante indicador de transformações linguísticas em curso, refletindo tanto tendências estruturais da língua quanto aspectos sociais e históricos que contribuem para a configuração das variedades contemporâneas do português falado no Brasil.

Para Rennie (2016, p.70) “a variação na realização dos róticos, especialmente em coda silábica, caracteriza variedades geográficas e sociais do Português brasileiro. Por este motivo, os róticos têm sido o foco de estudos variacionistas”. Ou seja, ele é um fenômeno de grande variabilidade, sendo frequentemente citado como uma das marcas mais perceptíveis da diversidade linguística do Brasil, ele pode se realizar como uma fricativa velar, fricativa glotal, tepe, vibrante e retroflexo.

A autora Callou (2012) aborda principalmente o apagamento da letra /R/ em coda silábica, e a relação entre a variação do som representado pela letra "R" (chamado de rótico) nas línguas, especialmente no português, e como ele se comporta dentro da estrutura prosódica, ou seja, na organização sonora da fala, levando em conta elementos como ritmo, acentuação, entonação, sílabas e palavras. Neste mesmo trabalho a autora cita “as múltiplas realizações do R na

posição específica de coda, medial ou final – martelo/ lar/ viajar vão desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea surda (aspiração) até [Ø]” (Callou et al, 2012). Ou seja, o falante pode pronunciar de várias formas diferentes sons de /R/ em coda final, dependendo do indivíduo, da região e do contexto em que ele vive.

Rennicke (2016) em seu artigo, menciona que “a gradiência observada nos dados, completada com informações sobre mudanças históricas, para argumentar que a classe dos róticos se justifica não como classe natural, mas como uma rede de relações de parentesco específicas de uma língua”. Isso é importante, pois demonstra que a variação do rótico encontradas em diferentes realizações não devem ser vistas como um desvio da norma padrão, mas como variantes que refletem processos históricos e sociolinguísticos de determinada comunidade de fala.

Quadro 01- Síntese de estudos sobre a variação do rótico no português brasileiro

Autor(es)	Objeto de estudo	Principais resultados/contribuições
Câmara Jr. (1985)	Comportamento do rótico em diferentes contextos fonológicos	Demonstrou que a realização do /R/ é condicionada pelo contexto linguístico. Em posição pré-vocálica predomina a fricativa; em grupos consonantais ocorre frequentemente o tepe; e em posição pós-vocálica são encontradas diferentes variantes, incluindo fricativas, retroflexas e apagamento.
Brescancini e Monaretto (2008)	Panorama dos róticos no Sul do Brasil	Evidenciaram a ampla diversidade de realizações fonéticas do rótico no português brasileiro, destacando a existência de múltiplas variantes distribuídas regionalmente.
Oushiro e Mendes (2013)	Realização do (-r) em coda silábica no português paulistano	Verificaram que o retroflexo é mais frequente entre falantes de bairros periféricos e com menor escolaridade. Identificaram ainda influência das variáveis sexo/gênero e faixa etária na distribuição da variante.
Callou et al. (2012)	Variação do rótico e estrutura prosódica	Demonstraram que o /R/ em posição de coda pode apresentar diversas realizações, como vibrante alveolar, fricativa velar, fricativa laríngea

		(aspiração) e apagamento. Destacaram a influência da estrutura prosódica sobre o comportamento do rótico.
Cristófar-Silva (2016)	Mudança fonológica e estrutura silábica do português brasileiro	Argumentou que fenômenos envolvendo o rótico refletem tendências históricas do português brasileiro, especialmente processos que favorecem a adaptação de sílabas fechadas para sílabas abertas.
Rennicke (2016)	Representação fonológica dos róticos do português brasileiro	Defendeu que os róticos constituem uma categoria altamente variável, cujas realizações caracterizam variedades geográficas e sociais do português brasileiro. Propôs compreender os róticos como uma rede de relações fonológicas e históricas, e não como uma classe homogênea.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Os estudos apresentados no Quadro 01, demonstram que a realização do rótico constitui um dos fenômenos fonológicos mais variáveis do português brasileiro. As pesquisas evidenciam que sua ocorrência é condicionada tanto por fatores linguísticos, relacionados ao contexto fonológico e à estrutura da sílaba, quanto por fatores sociais e geográficos, como região, sexo/gênero, idade e escolaridade. Esses resultados reforçam a relevância da investigação do /R/ em coda silábica no português falado no Tocantins.

2.3 Características dos pontos de inquérito

A variação linguística está ligada a muitas características e uma delas é a região onde o falante está situado, por esta razão é importante o conhecimento das características linguísticas das cidades pesquisadas, é importante compreender fatores sociais, histórias e a geografia dessas comunidades de fala e observar possíveis influências sociais e regionais no uso da variante.

Além do mais, cada cidade possui costumes, histórias e formas de interação próprias, o que influencia diretamente na pronúncia de certas variantes, como é o

caso do rótico. Diante disto será apresentado as características geográficas, linguística e histórica das seguintes cidades, Araguacema, Araguatins, Tocantinópolis, Xambioá, Pedro Afonso, Paranã, Miracema, Formoso do Araguaia e Dianópolis.

2.3.1 Araguacema

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), o município de Araguacema é banhado pelo Rio Araguaia, que, naquele ponto, já possui grande massa de água e é de fácil navegação. Serve, também, o Araguaia de divisor com o Estado do Pará. O início do povoamento da região que veio a se tornar o município de Araguacema aconteceu em 1812, com a criação do Presídio de Santa Maria, por ordem do príncipe regente D. João VI. O empreendimento também fornecia local para comerciantes e navegantes dormirem e se protegerem de ataques de indígenas. O município recebeu inicialmente o nome de Santa Maria do Araguaia e, somente em 1943, passou a se chamar Araguacema. O nome possui origem tupi e significa “Cidade das Águas”, em referência ao Rio Araguaia. Do ponto de vista geolinguística, Araguacema apresenta características típicas de uma região de contato linguístico. Isso ocorre porque a cidade recebeu influências indígenas, goianas, nortistas e até amazônicas ao longo de sua formação histórica.

2.3.2 Araguatins

Araguatins é um município do interior do estado do Tocantins, localizado no extremo norte do Tocantins, na famosa região turística conhecida como bico do papagaio. A cidade é banhada pelo rio Araguaia e faz divisa com o estado do Pará. De acordo com IBGE (2023), desde 1867, a região onde se ergue a sede municipal começou a ser povoada, registrando-se como primeiro morador Máximo Libório da Paixão. No ano seguinte, estabeleceu-se no local Vicente Bernardino Gomes, o fundador da povoação. A cidade tornou-se um importante ponto de circulação entre o norte do atual Tocantins e a região amazônica. O nome “Araguatins” resulta da junção dos rios Araguaia e Tocantins, destacando a forte relação histórica do município com os cursos fluviais da região. A emancipação política ocorreu em 1948, ainda quando o território pertencia ao estado de Goiás. Historicamente, o

município recebeu influência de migrantes vindos do Maranhão, Pará e Goiás, além da presença indígena na região.

2.3.3 Tocantinópolis

O município localiza-se no extremo norte do Tocantins, na microrregião do Bico do Papagaio, fazendo divisa com o estado do Maranhão. Está situado às margens do Rio Tocantins, elemento fundamental para a economia, cultura e organização social da cidade. Segundo o IBGE (2023), Tocantinópolis é um dos municípios mais antigos e historicamente importantes do norte do Tocantins. Sua origem remonta ao século XIX, quando surgiu como povoado às margens do Rio Tocantins. Inicialmente, recebeu o nome de Boa Vista do Tocantins. A cidade teve grande importância comercial e administrativa devido à navegação fluvial no Rio Tocantins, que funcionava como principal meio de transporte e comunicação da região. Em 1943, o município passou a se chamar Tocantinópolis. Ao longo de sua formação, a cidade recebeu influências de migrantes maranhenses, piauienses e cearenses, além da forte presença indígena, especialmente de povos da região do Bico do Papagaio. Esses fatores contribuíram para a diversidade cultural local. Do ponto de vista geolinguística, Tocantinópolis apresenta uma variedade linguística marcada pelo contato entre diferentes influências regionais. A proximidade com o Maranhão e a circulação populacional contribuíram para a formação de traços linguísticos variados.

2.3.4 Xambioá

Xambioá é um município brasileiro do estado do Tocantins localizado no norte tocanтинense. O nome do município é um termo indígena que significa *Pássaro veloz*. Segundo o IBGE, (2023). A ocupação não indígena da região que hoje corresponde ao município de Xambioá teve início em 1952, após a descoberta de uma jazida de cristal de quartzo na Chapada do Chiqueirão pelo caçador José Coelho da Silva (Zé Grande), fato que impulsionou a chegada de garimpeiros e comerciantes. Entretanto, a região já possuía registros históricos anteriores, como as ruínas do antigo Presídio de Chambioás, fundado em 1868 e identificadas em 1881 pelo presidente da Província de Goiás, José Leite Moraes. Entre 1910 e 1952,

algumas famílias, como as de João Crisóstomo Moreira e José Gomes Leitão (Zé Toco), viveram no local em convivência pacífica com os indígenas Chambioá. A fundação de Xambioá ocorreu em 26 de janeiro de 1953, quando Francisco Souza Oliveira doou 100 lotes para a construção das primeiras moradias, consolidando o surgimento do município.

2.3.5 Pedro Afonso

Pedro Afonso localiza-se na região central do Tocantins, às margens do Rio Tocantins. A posição geográfica da cidade favorece conexões entre diferentes regiões do estado, funcionando historicamente como ponto de circulação populacional e econômica. De acordo com o IBGE (2023), a região onde hoje se localiza Pedro Afonso era conhecida como Travessa dos Gentios e era habitada principalmente pelos povos indígenas Xavante. Em 1845, o missionário franciscano Frei Rafael Taggia chegou ao local com a missão de catequizar os indígenas, fundando um aldeamento em São João e contribuindo para a formação do povoado. O crescimento da população levou à criação do distrito de paz em 1875 e, posteriormente, à elevação do arraial à categoria de Vila de São Pedro Afonso, em 1903.

No início do século XX, a economia local foi impulsionada pela exploração da borracha no rio Araguaia, tornando o município um importante centro comercial da região. Entretanto, conflitos políticos e ações de grupos armados, entre 1911 e 1925, causaram destruição e instabilidade. Com a restauração da ordem, Pedro Afonso retomou seu desenvolvimento e foi elevado à categoria de cidade em 1937, tornando-se também sede de comarca.

2.3.6 Paranã

Paranã localiza-se no sudeste do Tocantins, o município é banhado pelo Rio Paranã, importante elemento natural que influenciou o processo histórico de ocupação. Sua localização relativamente distante dos grandes centros urbanos contribuiu para a preservação de práticas culturais e linguísticas tradicionais. De acordo com IBGE (2023), a ocupação da região de Paranã teve início entre 1740 e 1770, com a chegada de garimpeiros em busca de ouro, que fundaram o arraial de

Palma, localizado na confluência dos rios Paranã e Palmas. Graças à sua posição estratégica e ao porto fluvial, o povoado tornou-se um importante centro comercial do norte goiano, mantendo intenso intercâmbio com Belém do Pará. Em 1815, foi elevado à categoria de vila, com o nome de São João da Palma, e, em 1857, tornou-se cidade. Paranã possui grande relevância histórica por ter sido sede da Comarca do Norte, desempenhando papel importante no processo que culminou na criação do estado do Tocantins. Sua economia foi impulsionada, inicialmente, pelo comércio fluvial no rio Tocantins e, após o declínio dessa atividade, passou a ter a pecuária como principal base econômica.

2.3.7 Miracema

Miracema localiza-se na região central do Tocantins, às margens do Rio Tocantins e próxima à capital Palmas. Sua localização estratégica favorece o contato entre diferentes regiões do estado, funcionando como área de circulação populacional e cultural. De acordo com o IBGE (2023) A história de Miracema do Tocantins teve início no começo do século XX, com a chegada de imigrantes atraídos pelos garimpos, pela exploração da cana-de-açúcar e pela navegação fluvial. Os primeiros moradores se estabeleceram na região em 1929, inicialmente conhecida como Xerente e Bela Vista. Em 1948, o local foi elevado à categoria de distrito, com o nome de Miracema do Norte, após seu desmembramento de Araguacema. Com a criação do estado do Tocantins, em 1988, Miracema foi escolhida como capital provisória, função que exerceu durante todo o ano de 1989, até a inauguração de Palmas como capital definitiva. Através dessa formação populacional de migrantes de outros estados vem também a forte influência à variedade linguística.

2.3.8 Formoso do Araguaia

Formoso do Araguaia está localizado na região sudoeste do estado do Tocantins, na Bacia do Médio Araguaia. O município possui uma das maiores extensões territoriais do estado. Um dos maiores destaques geográficos é a Ilha do Bananal, considerada a maior ilha fluvial do mundo. Parte dela pertence ao território do município e abriga terras indígenas e áreas de preservação ambiental. Segundo

o site da prefeitura de Formoso do Araguaia (2026), a região de Formoso do Araguaia foi inicialmente explorada por uma expedição portuguesa em busca de ouro, que deu ao rio local o nome de Rio Formoso. Após a saída dos portugueses, descendentes de escravos e indígenas Javaés formaram a comunidade conhecida como Caras-Pretas. A ocupação da região intensificou-se em 1949, com a descoberta de cristal de rocha, que deu origem ao povoado de Formoso.

O município foi emancipado em 1º de outubro de 1963, recebendo o nome de Formoso do Araguaia. Na década de 1970, experimentos com o cultivo de arroz irrigado nas várzeas da região demonstraram seu grande potencial agrícola, consolidando a agricultura como uma das principais atividades econômicas do município. Em Formoso do Araguaia, a fala local apresenta características influenciadas por diferentes fatores históricos e culturais. Influência de migrantes vindos de Goiás, Maranhão, Pará e outras regiões do Brasil e presença de marcas do português rural e sertanejo.

2.3.9 Dianópolis

Dianópolis está localizada na região sudeste do Tocantins, próxima à divisa com a Bahia, integrando a região das Serras Gerais. A cidade possui cavernas, praia de água doce, cachoeiras e nascentes. Segundo o IBGE (2023), a história de Dianópolis remonta ao século XVIII, quando a região começou a ser ocupada por lavradores, pecuaristas e mineradores atraídos pela exploração do ouro. Inicialmente habitada por diversos povos indígenas, especialmente os Xacriabás, a área recebeu missões jesuíticas e aldeamentos destinados à catequização dos nativos. A descoberta de jazidas de ouro deu origem ao povoado de São José do Duro, que se desenvolveu com a mineração e, posteriormente, com a agricultura de subsistência e a pecuária. Ao longo de sua história, o município foi marcado por conflitos entre indígenas e colonizadores e, mais tarde, por disputas políticas, destacando-se o confronto envolvendo a família Wolney entre 1918 e 1923. São José do Duro foi elevado à categoria de vila em 1884, tornou-se cidade em 1938 e, em 1939, passou a se chamar Dianópolis. A proximidade com a Bahia favoreceu intensas relações comerciais e culturais, que ainda hoje influenciam as tradições do município, como as Folias do Duro, a festa de São José e a Romaria da Sucupira. A

geolinguística de Dianópolis é bastante rica devido à formação histórica do município e ao contato entre diferentes povos e regiões. A fala local recebeu influências de migrantes vindos da Bahia, Goiás, Minas Gerais e Maranhão.

Essas localidades descritas apresentam trajetórias de formação distintas, marcadas por diferentes processos de ocupação, fluxos migratórios e contatos culturais com regiões vizinhas, como Goiás, Maranhão, Pará, Bahia e Minas Gerais. Tais aspectos contribuem para a constituição de comunidades de fala com características próprias, refletidas também nos usos linguísticos observados. Ao considerarmos as particularidades históricas e sociais dessas localidades, tornou-se possível compreender de forma mais abrangente os padrões de variação identificados, bem como as possíveis influências regionais que atuam na distribuição das variantes. Dessa forma, vale ressaltar que, a descrição dos pontos de inquérito não apenas contextualiza o corpus da pesquisa, mas também contribui para a interpretação dos resultados e para a compreensão da diversidade linguística presente no português falado pelos tocantinenses.

3. METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, bem como as diferentes etapas necessárias à execução do trabalho. Especificamos o corpus da pesquisa, de onde provém a amostra utilizada na análise, o tratamento dispensado aos dados linguísticos e os procedimentos e critérios adotados para a classificação e análise dos dados, destacando as variáveis controladas.

3.1 Corpus da pesquisa

O corpus desta pesquisa foi constituído por 54 entrevistas pertencentes ao projeto *Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins* (2013-2016) contemplando dados coletados em nove municípios tocaninenses. Essas entrevistas resultam de um amplo trabalho de documentação da fala regional, reunindo material representativo das variedades linguísticas do estado.

Cada entrevista foi realizada com base na aplicação de questionários fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos, além de questões pragmáticas, perguntas metalinguísticas e tarefas voltadas à produção de discurso semidirigido. Esse conjunto de instrumentos permitiu a obtenção de dados variados, tanto controlados quanto espontâneos, favorecendo a análise do fenômeno investigado.

O questionário utilizado contemplou temas relacionados à terra, ao povo, à história dos municípios, à cultura local, à alimentação, à chuva e às plantas. Dessa forma, buscou-se estimular a produção de fala natural e representativa das comunidades investigadas, garantindo maior autenticidade aos dados coletados. A coleta dos dados ocorreu por meio de três modalidades de interação: entrevista estruturada, na qual o entrevistador segue um roteiro previamente definido; depoimento, em que o informante fala livremente com mínima interferência; e entrevista semiestruturada, caracterizada por perguntas orientadoras que permitem maior flexibilidade na produção discursiva. Essas diferentes formas de coleta contribuíram para a diversidade e riqueza do corpus.

O projeto contempla municípios distribuídos em diferentes microrregiões do estado do Tocantins, abrangendo a Mesorregião Oriental (Dianópolis, Jalapão e Porto Nacional) e a Mesorregião Ocidental (Araguaína, Bico do Papagaio, Gurupi, Miracema e Rio Formoso). Para otimizar a coleta de dados, parte dos pesquisadores envolvidos era originária dos próprios municípios investigados, o que favoreceu o acesso às comunidades de fala.

3.2 Variável dependente

Na Sociolinguística Variacionista, a variável dependente corresponde ao fenômeno linguístico que se pretende investigar, isto é, ao elemento da língua que apresenta diferentes possibilidades de realização e cuja ocorrência pode ser condicionada por fatores linguísticos e sociais. Nesse sentido, este estudo busca compreender como o rótico se manifesta no português falado em diferentes localidades do estado do Tocantins, identificando os padrões de uso e os fatores que influenciam sua distribuição.

Assim, a variável dependente desta pesquisa consiste na realização do rótico (/R/) em posição de coda silábica medial no português falado no Tocantins, entendida como um fenômeno variável que apresenta diferentes formas de realização fonética no uso efetivo da língua. Conforme exemplificado a seguir, em (01), (02), (03) e (04).

(01) INF. Como chama aquela água que se encontra nas plantas de manhã? **(orvalho) tepe [r]**. (Local: Dianópolis TO. Sexo: masculino. Faixa etária: III)

(02) Como chama o osso pontudo que fica entre o pé e a perna? **(tornozelo) tohnozelo**. (Local: Xambioá. Sexo: feminino. Faixa etária: I).

(03) INF. Como chama o inseto peludo que queima a pele? **(lagarta) lagaxta [x] ou [ɣ]**. (Local: Paranã. Sexo: feminino. Faixa etária: II).

(04) INF. Como chama a pessoa que tem as costas tortas? **(corcunda) coøcunda [ø]** (Local: Formoso do Araguaia. Sexo: masculino. Faixa etária: III).

Conforme as ocorrências exemplificadas de 01 a 04, observamos a realização do rótico em posição de coda silábica, que pode ocorrer de diferentes formas no português falado no Tocantins, tais como: tepe [r], fricativa glotal [h] ou [ɦ], fricativa velar [x] ou [χ] e apagamento [Ø].

3.2.1 Variáveis fricativas

Vale ressaltar que as variantes, fricativa velar e fricativa glotal apresentam grande proximidade articulatória e acústica, o que torna sua distinção uma tarefa desafiadora, pois ambas são produzidas com fricção e possuem características sonoras muito semelhantes.

Portanto em razão dessa semelhança a diferenciação entre as duas variantes foi realizado por meio do processo de assimilação ao contexto fonético, observando a consoante seguinte ao rótico, quando é uma consoante desvozeada foi utilizado o rótico fricativa velar, enquanto em palavras que rótico antecede uma consoante vozeada foi utilizado o rótico fricativa glotal.

3.2.2 Variáveis linguísticas

Os fatores linguísticos ou estruturais constituem elementos fundamentais para a compreensão da variação, uma vez que pertencem ao sistema interno da língua. Esses fatores permitem identificar os contextos que favorecem ou restringem a realização das diferentes variantes da variável dependente, possibilitando uma análise mais precisa do fenômeno investigado.

As variáveis linguísticas consideradas nesta pesquisa foram definidas com base em estudos da Sociolinguística Variacionista que abordam o comportamento dos róticos no português brasileiro. A seleção desses grupos de fatores tem como objetivo identificar os contextos linguísticos que condicionam a realização do /R/ em posição de coda silábica no português falado no Tocantins, permitindo a verificação de hipóteses sobre sua distribuição e funcionamento. Dessa forma, buscamos compreender de que maneira os fatores internos ao sistema linguístico influenciam a variação observada. Assim, foram selecionados os seguintes grupos de fatores linguísticos, apresentados a seguir.

3.2.3 Posição do rótico na palavra

Um dos aspectos centrais para a análise da variação do /R/ diz respeito à sua posição na estrutura silábica, uma vez que diferentes contextos podem favorecer ou restringir determinadas realizações fonéticas. Nesta pesquisa, consideramos especificamente a posição de coda medial, como em palavras do tipo *porta* e *carta*, em que o rótico ocorre no interior da palavra, como podem ser constatadas nos exemplos 05, 06, 07 e 08, a seguir:

(05) INF. Quais são os bichos criados na fazenda? (**Porco**) **porco** [r] (local: Araguacema. Sexo: masculino. Faixa etária I)

(06) INF. Quando não é nem tarde nem noite? (**tardezinha**) **tahdezina** (local: Tocantinópolis. Sexo: masculino. Faixa etária I)

(07) INF. Como chamam aquelas cores que se formam quando tem sol e chuva? (**arco-íris**) **axco** (local: Araguatins. Sexo: feminino. Faixa etária II)

(08) INF. O que tem nas matas? (**Árvore**) **áøvore** (local: Xambioá. Sexo: feminino. Faixa etária: II)

3.2.4 Classe gramatical

A classe gramatical da palavra também constitui um fator relevante para a análise da variação do rótico, pois pode influenciar a frequência e o tipo de realização fonética observada. Nesta pesquisa, foram consideradas as classes de verbos, substantivos e adjetivos de modo a verificar possíveis padrões de distribuição das variantes.

(09) INF. Como chama um rio pequeno? (**córrego**) **corgo** [r] (local: Miracema. Sexo: masculino. Faixa etária III)

(11) INF. Como chama a pessoa que tem as costas tortas? (**corcunda**) **coxcunda** (local: Formoso do Araguaia. Sexo: masculino. Faixa etária: I)

(12) INF. Como chama quando a mulher está grávida e perde o bebê? (**perdeu**) **pehdeu** (local: Araguatins. Sexo: masculino. Faixa etária III).

3.2.5 Tonicidade da sílaba

A tonicidade da sílaba em que ocorre o rótico também foi considerada, por sua possível atuação na variação fonética. Nesta análise, foram distinguidas sílabas tônicas e átonas, com o objetivo de verificar se a proeminência acentual interfere na realização das variantes do /R/.

(13) Como é chamado o marido enganado pela mulher? (**cor**no) **co**hno
(local: Dianópolis. Sexo: feminino. Faixa etária:III).

(14) Como chama a parte da calça dos homens que tem botão? **Barguilha**
barguilha (local: Formoso do Araguaia. Sexo: feminino. Faixa etária III).

3.2.6 Perfil dos informantes e variáveis sociais

A seleção dos informantes seguiu critérios tradicionais e inovadores da Dialetologia Pluridimensional, visando garantir a representatividade dos dados e o controle adequado das variáveis sociais. Os critérios tradicionais consistiram na seleção de informantes que:

- a) fossem naturais da localidade pesquisada, assim como seus pais e cônjuges;
- b) não apresentassem problemas de dentição ou fonação;
- c) fossem conhecedores da comunidade em que vivem;
- d) não tivessem se afastado da localidade por mais de um terço de suas vidas;
- e) fossem analfabetos ou possuísem escolaridade de até o 9º ano do Ensino Fundamental.

Os critérios inovadores referem-se ao controle sistemático de variáveis sociais, contemplando: *Sexo/Gênero* (masculino e feminino) e *Faixa etária* (faixa I: 18 a 35 anos; faixa II: 36 a 55 anos e faixa III: acima de 56 anos).

Além disso, foi considerada a variável localidade, permitindo a observação de possíveis diferenças dialetais entre os municípios investigados, conforme apresentado no item a seguir.

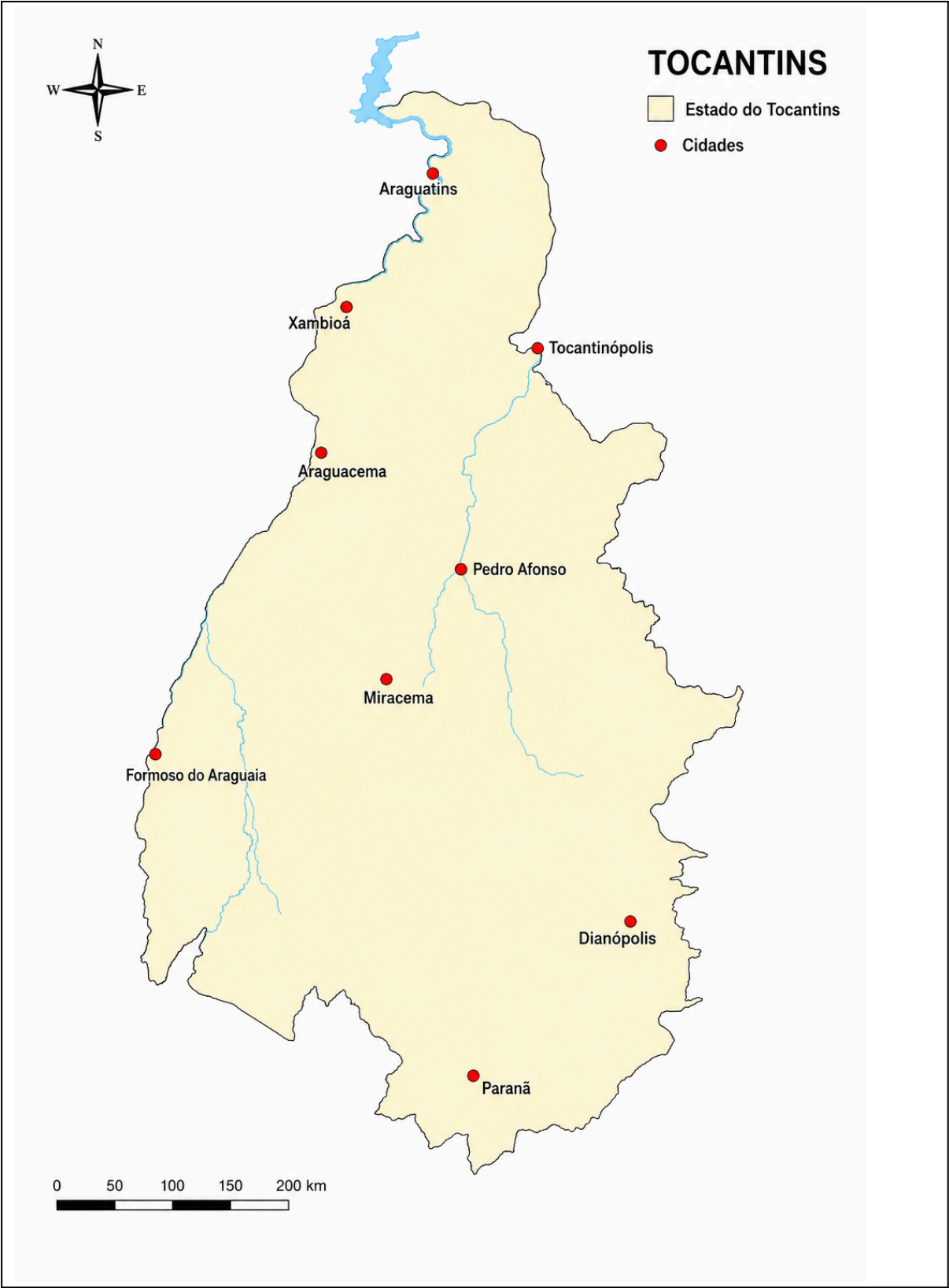
3.3 Rede de pontos de inquérito

Em estudos dialetológicos e sociolinguísticos, a definição da rede de pontos de inquérito constitui uma etapa fundamental da pesquisa, pois corresponde ao conjunto de localidades selecionadas para a realização da coleta de dados linguísticos. A escolha desses pontos não ocorre de forma aleatória, mas considera critérios geográficos, históricos, demográficos, sociais e culturais que permitam representar adequadamente a realidade linguística da área investigada.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), o estabelecimento da rede de pontos deve levar em conta fatores como a localização geográfica das localidades, seu processo histórico de ocupação, os movimentos migratórios, as relações econômicas e culturais mantidas com outras regiões, bem como características demográficas e sociais que as distinguem de outras comunidades. Esses aspectos são importantes porque possibilitam identificar possíveis áreas de convergência e divergência linguística, contribuindo para a compreensão dos fenômenos variáveis observados.

Nesta pesquisa, a rede de pontos foi constituída por nove municípios distribuídos em diferentes regiões do estado do Tocantins, selecionados a partir do projeto *Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins*. A distribuição desses pontos de inquérito busca contemplar diferentes áreas do território tocaninense, possibilitando a análise da realização do rótico (/R/) em posição de coda silábica em distintas comunidades de fala e permitindo a observação de possíveis padrões de variação entre as localidades investigadas. Apresentamos a seguir o mapa com os nove municípios pesquisados:

Figura 1 - Os nove pontos de inquérito investigados



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Quadro 02 - pontos pesquisados

Ponto1: Araguatins
Ponto 2: Xambioá
Ponto3: Tocantinópolis
Ponto 4: Araguacema
Ponto 5: Pedro Afonso
Ponto 6: Miracema do Tocantins
Ponto 7: Formoso do Araguaia
Ponto 8: Dianópolis
Ponto 9: Paranã

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

A constituição dessa rede de pontos possibilita uma visão abrangente da diversidade linguística presente no estado do Tocantins, uma vez que contempla localidades com diferentes trajetórias históricas, características geográficas e processos de formação populacional. Dessa forma, a distribuição dos municípios investigados fornece condições para observar a influência da dimensão espacial na realização do rótico em coda silábica, permitindo identificar possíveis áreas de convergência e divergência linguística.

3.4 Organização e tratamento dos dados

De posse dos arquivos de áudio que compõem o corpus do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins, procedeu-se à audição das entrevistas e à identificação das ocorrências do fonema /R/ em posição de coda silábica medial. Após a identificação das ocorrências, realizou-se a transcrição fonética das diferentes realizações do rótico. Em seguida, cada ocorrência foi analisada e classificada de acordo com as variantes encontradas, tais como tepe [r], fricativa glotal [h], fricativa velar [x] e apagamento [Ø].

Posteriormente, as ocorrências foram codificadas conforme os fatores linguísticos e sociais selecionados para a pesquisa. Entre os fatores linguísticos

analisados estão a posição do rótico na sílaba, a classe gramatical da palavra e a tonicidade da sílaba. Já entre os fatores sociais e geográfico foram considerados sexo/gênero, faixa etária e localidade dos informantes.

Sempre que surgiam dúvidas quanto à identificação da variante produzida, os trechos eram novamente ouvidos, em um processo contínuo de audição, transcrição e análise, buscando garantir a máxima precisão na classificação e codificação dos dados. Essa etapa constituiu uma fase fundamental da pesquisa, pois possibilitou o primeiro contato sistemático com o corpus e permitiu a observação inicial dos padrões de realização do /R/ em coda silábica nas diferentes localidades investigadas.

Concluída essa etapa, procedeu-se à organização e codificação dos dados para a composição do banco de dados e para a elaboração das tabelas e gráficos que subsidiarão a análise quantitativa e geossociolinguística do fenômeno investigado, conforme demonstra o Quadro 03 a seguir.

Quadro 03 - Variável dependente e grupos de fatores

Variável Dependente		
Variável	Variantes	Códigos
Realização do fonema /R/ em posição de coda silábica medial	tepe [r]	t
	fricativa glotal [h] ou [ɦ]	g
	fricativa velar [x] ou [χ]	v
	apagamento [Ø]	a
Variáveis independentes		
Classe gramatical	Verbos	e
	Substantivos	s
	adjetivos	
Tonicidade da sílaba	sílaba tônica	T
	sílaba átona	S
Sexo/Gênero	Masculino	H
	Feminino	M

Faixa etária	Faixa I: 18 a 35 anos; - 1	1
	Faixa II: 36 a 55 anos; - 2	2
	Faixa III: acima de 56 anos; - 3	3
Variação Diatópica Localidades	Ponto 1: Araguatins	A
	Ponto 2: Xambioá	X
	Ponto 3: Tocantinópolis	T
	Ponto 4: Araguacema	R
	Ponto 5: Pedro Afonso	P
	Ponto 6: Miracema do Tocantins	M
	Ponto 7: Formoso do Araguaia	F
	Ponto 8: Dianópolis	D
	Ponto 9: Paranã	N

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

4. RESULTADOS GERAIS DO TRATAMENTO ESTATÍSTICOS DOS DADOS

Foram computados através do programa goldVarb X, um total 1.167 ocorrências do fonema R em coda medial no falar de nove cidades tocantinenses. Além das variáveis dependentes, fricativa glotal [h] ou [ɦ], fricativa velar [x] ou [χ], tepe [r] e apagamento [Ø] em coda sílabica medial, também foram analisados cinco grupos de fatores, são eles, classe gramatical, tonicidade da sílaba, sexo/gênero, faixa etária e localidades, esses grupos de fatores também serão apresentados e analisados.

Em relação aos resultados obtidos foram organizados da seguinte forma: primeiro as variáveis extralinguísticas e em seguida as variáveis linguísticas. Serão

apresentados os percentuais de cada variante conforme mostram os quadros e os gráfico a seguir.

Tabela 01 - Resultados gerais da variação do fonema /R/ no falar tocantinense

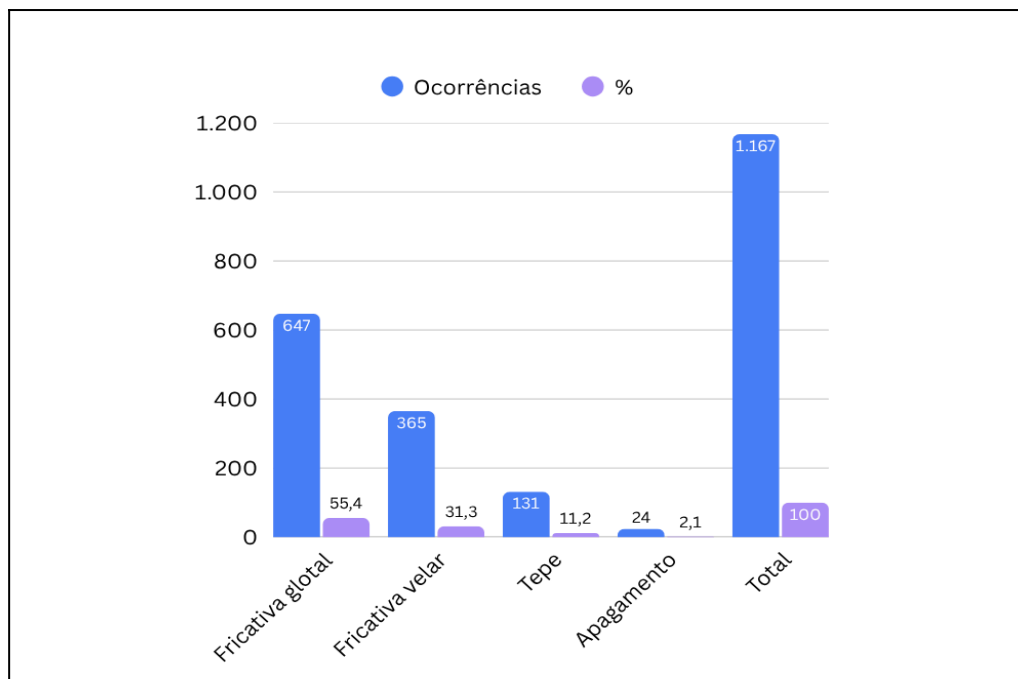
Variantes	Ocorrências	%
Fricativa glotal	647/ 1.167	55,4
Fricativa velar	365/ 1.167	31,3
Tepe	131/ 1.167	11,2
Apagamento	24/ 1.167	2,1
TOTAL	1.167	100

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Em relação aos resultados gerais, observamos o predomínio das variantes fricativas na realização do /R/ em posição de coda silábica medial no português falado no Tocantins. A variante mais frequente foi a fricativa glotal, com 647 ocorrências (55,4%), seguida da fricativa velar, com 365 registros (31,3%), em um universo de 1.167 ocorrências analisadas. Somadas, essas duas variantes correspondem a 86,7% dos dados, evidenciando uma forte tendência dos falantes tocantinenses à realização do chamado R forte nessa posição.

A terceira variante mais recorrente foi o tepe [r], com 131 ocorrências (11,2%). Embora apresente frequência significativamente inferior à das variantes fricativas, sua presença revela que essa realização integra o repertório fonético dos falantes tocantinenses, constituindo uma variante produtiva em determinadas localidades e contextos de uso.

Por sua vez, o apagamento [Ø] apresentou a menor frequência entre as variantes analisadas, totalizando apenas 24 ocorrências (2,1%). Esse resultado indica que a supressão do rótico em coda medial é pouco recorrente no corpus investigado, demonstrando que, de modo geral, os falantes tendem a preservar a realização do segmento nessa posição.

Gráfico 01 - Resultados gerais

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Os dados revelam um grande predomínio das variantes fricativas, que juntas somam 86,7% dos dados. Esse resultado aponta para a consolidação do fonema R em coda silábica medial no português tocantinense, especialmente a fricativa glotal [h], configurando-se como a variante característica do falar tocantinense.

4.1 Variáveis extralinguísticas

Nesta seção serão apresentadas as variáveis extralinguísticas consideradas para este estudo, são elas, localidades, sexo/gênero, faixa etária. Primeiramente apresentaremos os resultados do /R/ em coda medial das nove cidades pesquisadas.

4.1.1 Variáveis diatópicas

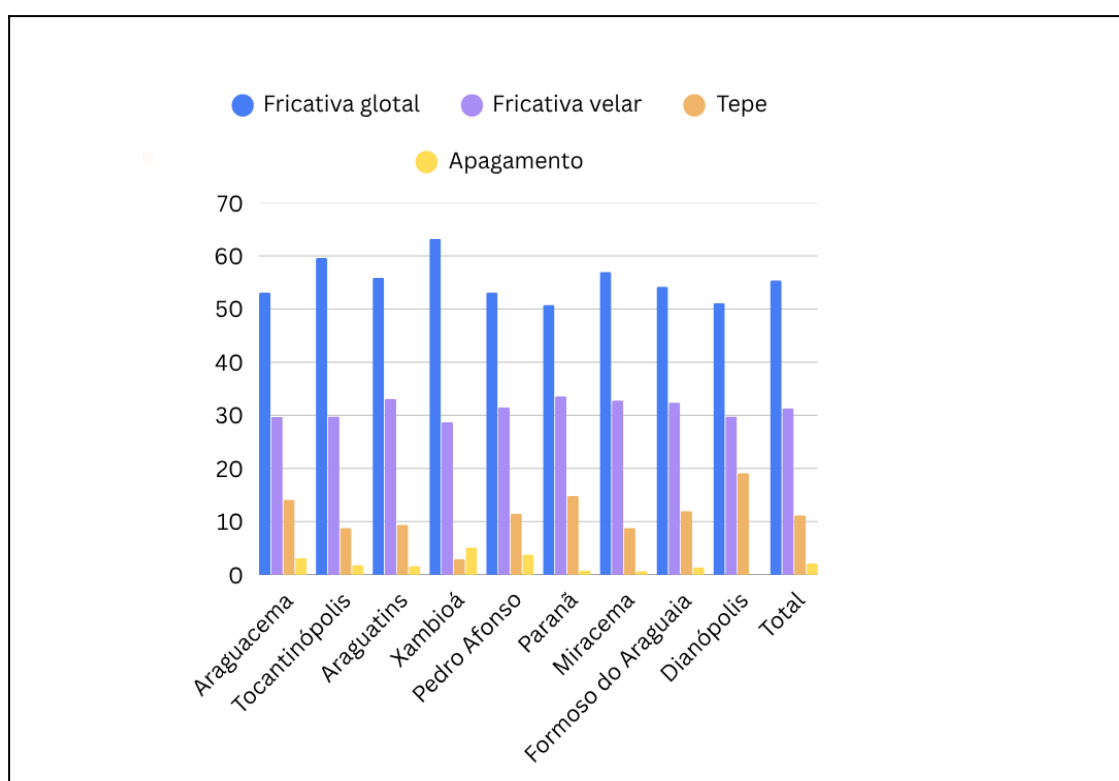
Tabela 02 - Variáveis diatópicas

Localidades/ variantes	Fricativa glotal	Fricativa velar	Tepe	Apagamento
Araguacema	53.1%	29.7%	14.1%	3.1%
Tocantinópolis	59.6%	29.8%	8.8%	1.8%
Araguatins	55.9%	33.1%	9.4%	1.6%

Xambioá	63.2%	28.7%	2.9%	5.1%
Pedro Afonso	53.1%	31.5%	11.5%	3.8%
Paranã	50.8%	33.6%	14.8%	0.8%
Miracema	57.7%	32.8%	8.8%	0.7%
Formoso do Araguaia	54.2%	32.4%	12%	1.4%
Dianópolis	51.1%	29.8%	19.1%	0.0%
Total	55.4%	31.3%	11.2%	2.1%

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Gráfico 02 - Variáveis diatópicas



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Os resultados evidenciam que a fricativa glotal [h] é a variante predominante em todas as localidades investigadas, os percentuais dessa realização variam entre 50,8%, em Paranã e 63,2% em Xambioá. Esse predomínio demonstra que a realização fricativa glotal é predominante no estado, independente da região analisada. Em segundo lugar também em todas as cidades temos a demonstração da variante fricativa velar, essa pesquisa mostra que as variantes fricativas são a identidade do povo tocantinense.

Vale ressaltar que as variantes fricativas glotal e fricativa velar pertencem ambas ao fonema (R forte), tem o modo de articulação idêntico, são ambos sons surdos, sofrem o mesmo processo de assimilação, ou seja são muito parecidas, portanto para esses resultados foram analisados principalmente a vogal posterior ao rótico.

A variação tepe [r] apresenta o maior número de variação entre as cidades pesquisadas, enquanto em cidades como Dianópolis chega a 19,1% seguido por Paranã 14,8% e Araguacema 14,1% já em outros tem uma porcentagem bem baixa como em Xambioá que chega a uma porcentagem de 2,9%, isso demonstra que embora menos frequente que as variantes fricativas, o tepe possui uma relevância em determinadas cidades.

Já o apagamento nota-se que é a variante menos produzida em todas as cidades pesquisadas, todas com o percentual abaixo de 6%, os maiores índices são encontrados em Xambioá (5,1%), Pedro Afonso (3,8%) e Araguacema (3,1%), enquanto em Dianópolis não houve nenhuma realização.

Observando os dados diatópicos de forma geral, podemos observar que os municípios na maioria das variantes apresentam resultados semelhantes, marcadas pela predominância das variantes fricativas, somando a fricativa glotal e a velar, temos um percentual de 80% em todas as localidades.

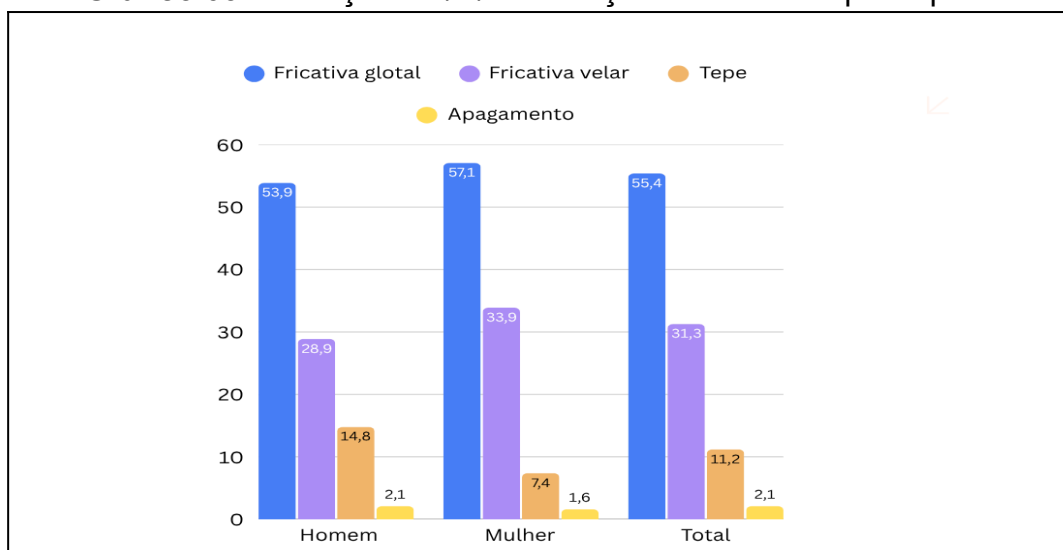
4.1.2 Variação diassexual

Apresentaremos neste tópico os resultados obtidos em relação ao sexo/gênero dos entrevistados.

Tabela 03 - Resultados obtidos em relação ao sexo dos participantes

Sexo/ variantes	Fricativa glotal	Fricativa velar	Tepe	Apagamento
Homem	53.9%	28.9%	14.8%	2.1%
Mulher	57.1 %	33.9%	7.4%	1.6%
Total	55.4%	31.3%	11.2%	2.1%

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Gráfico 03 - Variação do /R/ em relação ao sexo dos participantes

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Em relação a sexo/gênero, percebe-se a variante fricativa glotal também é predominante tanto no sexo feminino quanto no masculino. Entre os homens, essa realização corresponde a 53,9% das ocorrências, enquanto entre as mulheres o percentual é ainda maior, chegando a 57,1%.

A fricativa velar também apresenta maior frequência entre as mulheres (33,9%) do que os homens que apresentam uma porcentagem de 28,9%. Desse modo, observa-se que as mulheres utilizam mais as variantes fricativas.

Já a variante tepe mostra o contrário, entre os homens sua frequência atinge 14,8%, enquanto entre as mulheres corresponde a apenas 7,4%, ou seja, quase metade do percentual masculino. Desse modo, percebe-se que os homens tendem a usar mais o rótico tepe que é uma variante menos recorrente no conjunto geral da pesquisa.

Já o apagamento apresenta índices reduzidos para ambos os grupos, com 2,1% entre os homens e 1,6% entre as mulheres. Nesse quesito mostra-se uma pequena diferença, isso sugere que a variante possui baixa produtividade independente do sexo do falante.

De modo geral, esses resultados apontam para uma distinção sociolinguística entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres demonstram maior uso das variantes fricativas, 91% das ocorrências, somando a fricativa glotal e a fricativa

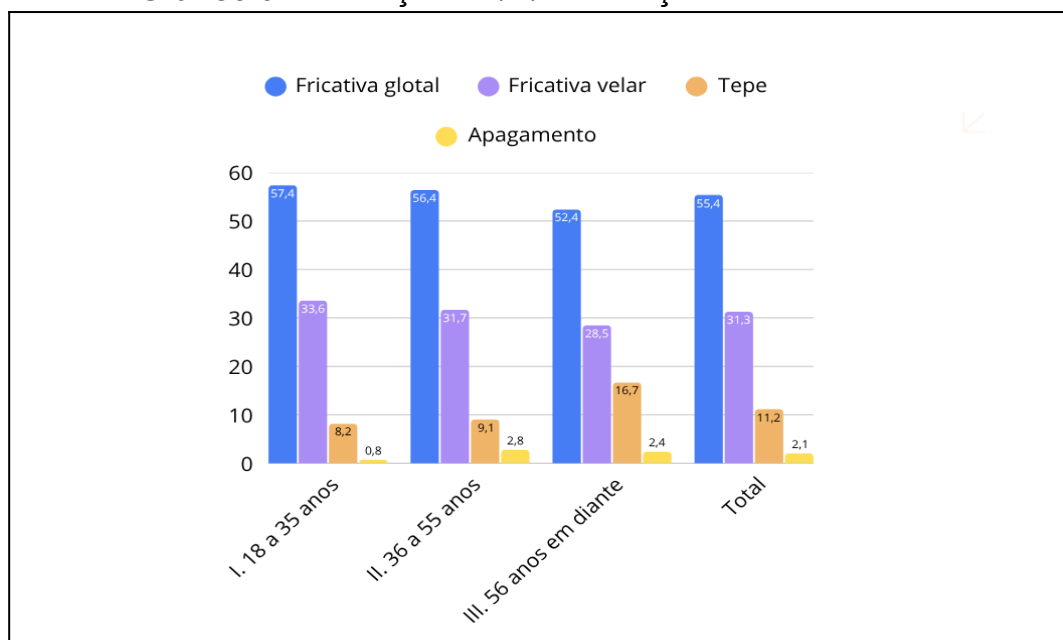
velar, os homens apresentam maior frequência do tepe e apagamento. Esse comportamento está de acordo com observações feitas pela sociolinguística variacionista, segundo Mollica e Braga (2003, p.34) “as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente”. Já os homens utilizam mais variantes menos prestigiadas e mais conservadoras.

4.1.3 Variação Diageracional

Tabela 04 - Resultado da variação do /R/ em relação à faixa-etária

Faixa etária/ variantes	Fricativa glotal	Fricativa velar	Tepe	Apagamento
I. 18 a 35 anos.	57.4 %	33.6%	8.2%	0.8%
II. 36 a 55 anos.	56.4%	31.7%	9.1%	2.8%
III. 56 anos em diante.	52.4%	28.5%	16.7%	2.4%
Total	55.4%	31.3%	11.2%	2.1%

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Gráfico 04 - Variação do /R/ em relação à faixa-etária

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Assim como nas demais análises as variantes fricativas glotal e velar são as variantes predominante em todas as faixas etárias investigadas, entre os falantes da faixa etária I, a variante fricativa glotal alcança 57,4% e a fricativa velar 33,6% das ocorrências percentual superior ao comparado com as demais faixas etárias. Já os informantes da faixa etária II têm um percentual de 56,2% na fricativa glotal e 31,7% na fricativa velar, enquanto os de faixa etária III tem um total de 52,4% na fricativa glotal e 28,5 na velar, indicando uma pequena redução em relação aos mais jovens. Esse comportamento sugere que as variantes fricativas são mais favorecidas pelas gerações mais jovens.

Já a variante tepe, exibe um comportamento inverso. Seu menor percentual ocorre entre os falantes de faixa etária I com 8,2% de ocorrências, e aumentando apenas para 9,1% na faixa etária II, e alcançando 16,7% entre os informantes de 56 em diante. Por ser uma variante com maior preferência entre as pessoas de mais idade sugere-se que o tepe é uma variante mais conservadora no falar tocantinense.

Quanto ao apagamento verifica-se baixa frequência em todas as faixas etárias. O menor índice é encontrado entre os jovens (0,8), enquanto os grupos de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante apresentam percentuais um pouco mais elevados (2,8% e 2,4%).

De forma geral os dados apontam uma influência em relação a idade na realização do fonema R em coda silábica medial no falar tocantinense. Os falantes mais jovens favorecem as variantes fricativas, enquanto os mais velhos utilizam mais a tepe em comparação com os jovens. Isso demonstra que as variantes fricativas além de já serem a maioria no estado tendem a ganhar ainda mais espaço.

4.2 Análise e resultado das variáveis linguísticas

Nesta seção serão apresentadas as análises das variáveis linguísticas investigadas nesta pesquisa, que são as classes gramaticais e tonicidade da sílaba. Está análise busca entender de que forma fatores linguísticos podem ou não influenciar nessas variações.

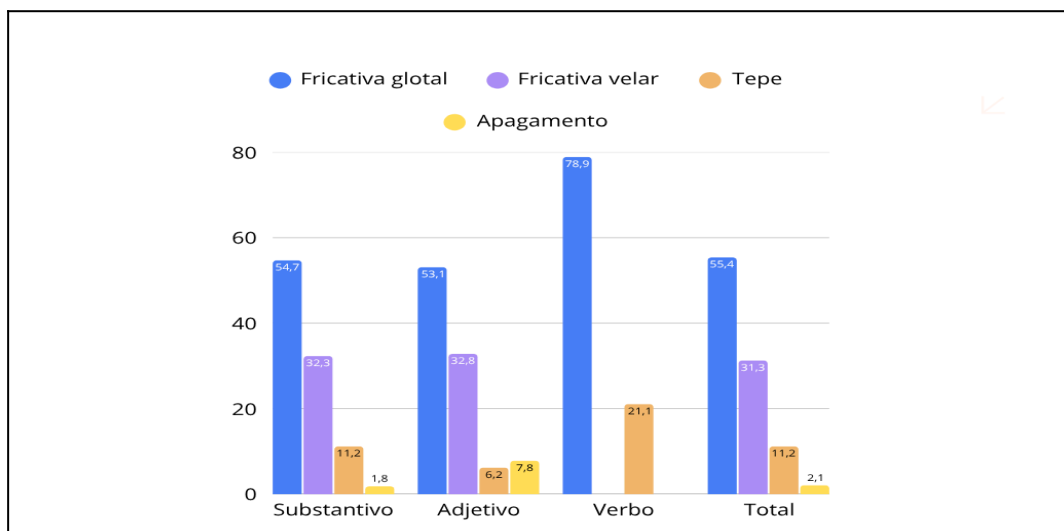
Tabela 05 - Resultado da variação do /R/ em relação à classe gramatical

Classe gramatical/ variantes.	Fricativa glotal	Fricativa velar	Tepe	Apagamento
Substantivo	54.7%	32.3%	11.2%	1.8%
Adjetivo	53.1%	32.8%	6.2%	7.8%
Verbo	78.9%	00	21.1%	00
Total	55.4%	31.3%	11.2%	2.1%

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

4.2.1 Variação em relação à classe gramatical

Gráfico 05 - Variação do /R/ em relação à classe gramatical.



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Nas classes gramaticais também são predominantes as variantes fricativas. Nos substantivos, a fricativa glotal aparece em 54% dos casos, seguida pela fricativa velar com 32,3%. O tepe apresenta frequência de 11,2, enquanto o apagamento corresponde apenas 1,8% das ocorrências. Os adjetivos, observa-se comportamento semelhante, com predominância da fricativa glotal 53,1% e da fricativa velar com 32,8% das ocorrências. Entretanto destaca-se a redução do tepe 6,2%, e o aumento do apagamento 7,8%, percentual alto em comparação com as outras classes gramaticais.

Já os verbos apresentam uma maior diferença entre as classes gramaticais. Nesta classe a fricativa glotal atinge 78,9% das ocorrências, constituindo um percentual superior em relação às demais classes. O tepe corresponde a 21,1% dos dados, enquanto não foram registradas fricativa velar nem apagamento.

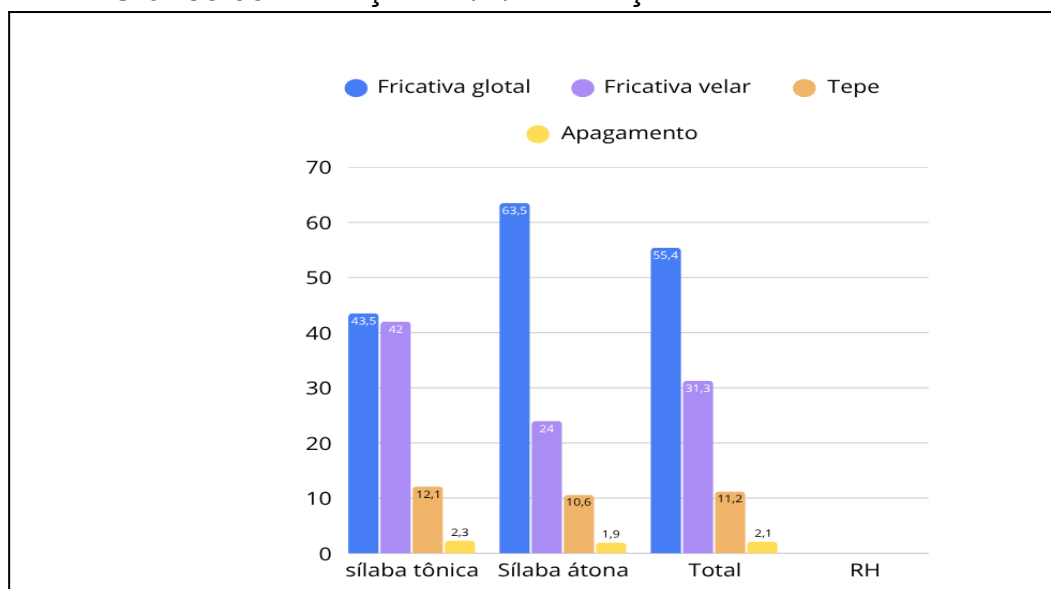
Comparando-se as três classes gramaticais, verifica-se que os verbos apresentam o maior índice de realização da fricativa glotal, ao passo que os adjetivos favorecem mais o apagamento. Já os substantivos exibem uma distribuição mais próxima da média geral da pesquisa. Isso se dá também pela quantidade de ocorrências de cada classe gramatical, onde os substantivos é a classe predominante.

4.2.2 Variação em relação à tonicidade da sílaba

Tabela 05 - Resultado da variação do /R/ em relação à tonicidade da sílaba

Tonicidade da sílaba/ variantes	Fricativa glotal	Fricativa Velar	Tepe	Apagamento
Sílaba tônica	43.5%	42.0%	12.1%	2.3%
Sílaba átona	63.5%	24.0%	10.6%	1.9%
Total	55.4%	31.3%	11.2%	2.1%

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Gráfico 06 - Variação do /R/ em relação à tonicidade da sílaba.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Nas sílabas tônicas, a fricativa glotal apresenta 43,5% das ocorrências, enquanto a fricativa velar [x] alcança 42,0%. A proximidade entre esses percentuais demonstra que ambas as variantes são amplamente favorecidas nesse contexto, compartilhando praticamente o mesmo espaço de ocorrência. O tepe [r] corresponde a 12,1% dos dados e o apagamento [Ø] a 2,3%, mantendo frequências baixas.

Nas sílabas átonas, observa-se um aumento expressivo da fricativa glotal, que atinge 63,5% das ocorrências. Em contrapartida, a fricativa velar apresenta uma grande redução, passando para 24,0%. O tepe registra 10,6%, percentual próximo ao encontrado nas sílabas tônicas, enquanto o apagamento permanece pouco frequente, com 1,9%.

A comparação entre os dois contextos mostra que a tonicidade exerce influência principalmente sobre as variantes fricativas. A fricativa glotal é claramente favorecida em sílabas átonas, enquanto a fricativa velar apresenta maior produtividade em sílabas tônicas. Já o tepe e o apagamento apresentam diferenças pouco significativas entre os dois contextos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa demonstram que a realização do fonema /R/ em coda silábica medial no português falado no Tocantins apresenta significativa variação, confirmando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista de que a língua é heterogênea e condicionada por fatores linguísticos e sociais. A predominância das variantes fricativa glotal e fricativa velar evidencia a forte presença do chamado "R forte" nas localidades investigadas, enquanto a ocorrência do tepe e do apagamento revela a coexistência de diferentes padrões fonéticos na fala tocantinense.

As análises mostram que variáveis como localidade, sexo/gênero, faixa etária, classe gramatical e tonicidade da sílaba exercem influência sobre a escolha das variantes, reforçando a ideia de que a variação linguística não ocorre de forma aleatória. Destaca-se, especialmente, a maior ocorrência do tepe entre os falantes mais velhos e em determinadas localidades, como Dianópolis e Paranã, sugerindo a permanência de traços linguísticos associados à história de ocupação e aos contatos regionais dessas comunidades.

À luz das reflexões de Dinah Callou (2012), os resultados corroboram a compreensão de que os róticos constituem um dos segmentos mais variáveis do português brasileiro, apresentando múltiplas realizações condicionadas tanto pela estrutura fonológica quanto pelos aspectos sociais da comunidade de fala. Conforme defendido pela autora, essas diferentes realizações devem ser entendidas como variantes legítimas do sistema linguístico, e não como desvios da norma.

Por fim, esta pesquisa contribui para o conhecimento da realidade sociolinguística do Tocantins, ampliando os estudos sobre os róticos no português brasileiro e valorizando a diversidade linguística regional. Além disso, reforça a importância de uma abordagem científica da língua, capaz de reconhecer as diferentes formas de falar como manifestações legítimas da identidade cultural dos falantes tocantinenses.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1998.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. **Os róticos no sul do Brasil**: panorama e generalizações. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 11, n. 2, p. 51-66, dez. 2008.
- CALLOU, Dinah et al. **Variação do rótico e estrutura prosódica**. In: _____. Estudos de fonética e fonologia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer a sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Coleção Para Conhecer Linguística).
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs. **Trajetórias fonológicas**: evolução e complexidade. Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. esp., p. 215-229, dez. 2016.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- HISTÓRIA. **Prefeitura Municipal de Formoso do Araguaia**. (2025). Prefeitura Municipal de Formoso Do Araguaia. Disponível em: <https://formosodoaraguaia.to.gov.br/Historia/>. Acesso em: 06 jul. 2026
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Biblioteca digital do IBGE**: Tocantins. Rio de Janeiro: IBGE, s.d. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 jul. 2026
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- RENNICKE, Iiris. **Representação fonológica dos róticos do português brasileiro**: uma abordagem à base de exemplares. Scripta, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 70-97, 2016.
- SILVA, Daniel Marra da. **Construção do Acervo Audiovisual da Língua Falada no Tocantins e Demonstração das Normas Linguísticas Escrita e Falada no Tocantins**. Palmas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, 2013–2016. Projeto de pesquisa.

SOUSA, Marta Deysiane Alves Faria; CARDOSO, Paloma Batista. **A sociolinguística para além das variáveis sociais:** a promoção de justiça social. Revista da ABRALIN, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 1-6, 2020.